

ICONOGRAFIA

Augusto Malta, a versão mecânica do *flâneur*

*Ricardo de Hollanda**



Foto: Augusto Malta

Vista aérea do Morro da Gamboa - Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

* Jornalista, Doutor em Ciência da Informação pela UFRJ e Professor da FCS-UERJ. Pós-graduado em Fotoperiodismo pela Escola de Doctorado da Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha. E-mail: rhollanda@alternex.com.br.

ICONOGRAFIA

Resumo – Neste artigo, abordam-se as relações entre fotografia e cidade pela ótica do fotodocumentarismo urbano. Destaca-se a figura de Augusto Malta, considerado o mais expressivo fotógrafo que registrou a cidade do Rio de Janeiro durante as três primeiras décadas do século XX.

Palavras-chave: fotografia urbana; fotografia documental; Augusto Malta; Rio de Janeiro.

A imagem fotográfica é, possivelmente, o modo dominante de comunicação e sua posição, estabelecimento e integração entre textos tradicionais ocupam devidamente o pensamento de estudiosos e pesquisadores. Graças a isso, o material histórico está passando por uma investigação semelhante. Existe um interesse de explorar suas possibilidades e examinar sua integração como evidência do passado e como registro sistemático do presente.

A relação da fotografia com a cidade resulta de uma convergência latente, ela é o elo de uma modernidade; a cidade é um tema privilegiado da tradição fotodocumentária, uma de suas obsessões mais características, um vetor de seu desenvolvimento, ao ponto de a “paisagem urbana” ser considerada como um gênero fotográfico propriamente dito. Neste sentido, dentre os diversos nomes expressivos na fotografia documental urbana, podemos destacar o de Augusto Malta, no Rio de Janeiro, como o mais importante fotógrafo de sua época.

Natural de Paulo Afonso (Alagoas), Augusto César de Campos Malta nasceu em 14 de maio de 1864. Segundo duas das instituições públicas que detêm a

ICONOGRAFIA

maior parte das imagens do artista, o Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro e o Museu da Imagem e do Som, foi quem mais produziu fotografias sobre a cidade. Contratado como fotógrafo da antiga Prefeitura do Distrito Federal, na gestão do prefeito Pereira Passos, em 1903, documentou o Rio de Janeiro durante três décadas, só tendo parado ao se aposentar, em 1936. O valor e a relevância da obra fotográfica de Augusto Malta podem ser percebidos por meio do relato do historiador C. J. Dunlop, abaixo transcrito:

O major da Guarda Nacional, Augusto César Malta de Campos, ou melhor o fotógrafo Augusto Malta como é geralmente conhecido, é o profissional mais antigo do Rio de Janeiro. Possui ele um arquivo completo dos acontecimentos mais importantes desta cidade, nos últimos trinta anos, com todas as realizações da Prefeitura em mais de 30.000 chapas que exprimem essa documentação preciosa. (Dunlop, 1963, p.73)

A importância de sua contribuição foi ainda ressaltada em texto introdutório da edição de álbum comemorativo, na gestão do prefeito Marcos Tamoyo, em 1976, segundo a qual Malta teria feito mais de trinta mil fotografias, tendo a maior parte delas se perdido com a ação do tempo e a falta de preservação adequada.ⁱ Muitas

ICONOGRAFIA

foram reproduzidas nos livros de Noronha Santos, José de O. Reis. de C. J. Dunlop e jornais e revistas de época.

Antes de assumir suas atividades em fotografia, Malta participou, como republicano, dos acontecimentos de 15 de Novembro que resultaram na Proclamação da República. Seguiu à frente da multidão como porta-estandarte do *Centro Republicano Lopes Trovão*, dirigindo-se ao Paço Municipal onde foi um dos signatários da *Ata da Proclamação*. Chegou a alcançar o posto de Major da Guarda Nacional. Por volta de 1894, abriu seu próprio escritório de guarda-livros na Rua do Ouvidor, tendo um prejuízo de vinte contos de réis oito meses mais tarde. Ao mudar de profissão, torna-se um comerciante de tecidos finos, usando uma bicicleta para visitar sua freguesia que se constituía de famílias da alta sociedade da época.

Em 1900, o crescente fascínio da sociedade da época pelo retrato fotográfico impulsionou Augusto Malta a trocar a bicicleta por uma câmara fotográfica, dando início às suas atividades como fotógrafo amador. Era o seu passatempo predileto, como bem demonstra em depoimento à *Revista da Semana*:

(...) eu, no entanto, continuei a vender fazendas a pé. Quanto à máquina, tomei gosto pela fotografia e, aos domingos, em companhia de um amigo, também amador da arte, tirava vistas da cidade, grupos de amigos etc. Confesso que sentia grande sensação quando via surgirem no papel as belas e surpreendentes imagens que o sal de prata revelava e o hiposulfito fixava a meus olhos, na câmara escura improvisada em

ICONOGRAFIA

minha casa. E vivia assim nesse ingênuo amadorismo (...). (Revista da Semana, 1945, p.9)

Enquanto isso, a cidade passava por um período de fortes mudanças. Capital federal de uma jovem república recém-liberta do império e da escravidão, a cidade tinha pressa. Desejava se integrar às nações modernas. O avanço para a modernidade, no entanto, se via impedido pelas ruas estreitas, pelas vielas sujas e calçadas diminutas da cidade. O Rio de Janeiro necessitava de um prefeito dinâmico e, em 1902, o presidente Rodrigues Alves convidou Pereira Passos para executar seus planos de transformar o Rio de Janeiro urbanisticamente.

Por meio de um amigo, fornecedor da prefeitura, Augusto Malta fotografou algumas das obras do prefeito. Bastante entusiasmado com o trabalho, Pereira Passos o convidou para ser o fotógrafo oficial da Prefeitura, tendo por missão a documentação da execução e da inauguração de obras públicas, de logradouros que seriam alterados na reforma urbanística da cidade, de instituições ligadas ao município (escolas, hospitais etc.), de prédios históricos a serem demolidos, de festas organizadas pela prefeitura e de flagrantos do cotidiano (ressacas, desabamentos, enchentes etc.).

Era julho de 1903 quando passou a registrar prédios e ruas que seriam reformados e quarteirões que seriam derrubados. Tudo era registrado fotograficamente e a esse dossiê fotográfico Malta juntava anotações críticas que o prefeito lia e considerava. Foi um solitário artesão de imagens, eficiente na prática de

ICONOGRAFIA

gravar na “matriz” – com tinta nanquim e uma pena – o nome do logradouro, a data, o número da chapa e o seu próprio nome, resultado de anotações que fazia, enquanto fotografava, em um caderno de papel finíssimo.

No período de 1903 a 1906, Malta fotografou, por exemplo, trechos de algumas ruas que iriam ser alargadas, como a Carioca, a Uruguaiana, a Frei Caneca, a Sete de Setembro, a Visconde de Inhaúma ou praças que eram ajardinadas ou urbanizadas, como a José de Alencar, a XV de Novembro e a Praça da República. Augusto Malta se distingue entre os pioneiros da fotografia documental urbana no Brasil, sobretudo em razão de sua obsessão pela captação de flagrantes representativos das mudanças que a cidade apresentava nos aspectos topográfico, arquitetônico e urbano.

Pouco a pouco ampliou com o tempo seu universo de trabalho, passando a registrar a cidade em atividades diversas, como o comércio, a indústria, os bailes e festas populares, através de um relato visual sutil onde as implicações humanas afloravam naturalmente, possibilitando uma interpretação sociocultural da época. Seu relato visual era conciso. Soube, como poucos, transmitir, com propriedade, as situações ambientais urbanas.

Figura notória na cidade, que percorreu por completo, sempre com sua anacrônica gravata-borboleta, como a dos poetas românticos, e seus óculos com aros de tartaruga. Conhecido como um homem culto e gentil, tornou-se amigo de intelectuais, de artistas e políticos como Oswaldo Aranha e o barão do Rio Branco, sobre o qual é autor de um raro e belíssimo ensaio fotográfico.

ICONOGRAFIA

É difícil imaginar algum tema que tenha escapado ao seu olhar. Fotografou o entardecer em Copacabana, os casebres na zona rural, os ambulantes do centro, as fábricas, as lojas, as regatas na enseada de Botafogo, as festas da alta sociedade, as batalhas de flores, o carnaval, os passeios na floresta da Tijuca e tudo que envolvesse o cotidiano carioca.

A obra de Augusto Malta guarda muitas relações com a cidade do Rio de Janeiro, pois através desta vasta e eclética documentação fotográfica, desenvolvida no primeiro terço do século XX, percebe-se toda a dinâmica da cidade moldada em um universo de informações único, configurando um retrato representativo, de expressão e estética, da *belle époque* tropical. Nenhum recanto da cidade do Rio de Janeiro escapou à sua visão aguda de documentarista.

Ao examinarmos a produção de Augusto Malta à luz das imagens guardadas em coleções e acervos públicos e particulares, verificamos que o seu percurso foi oposto ao de outros fotógrafos da época. Ele não começou pelas panorâmicas, tão em voga no final do século XIX e no início do século passado, mas sim através de um trabalho que visava atender aos projetos urbanísticos desenvolvidos pela gestão do prefeito Pereira Passos.

A partir disso, Augusto Malta passou a desenvolver uma atitude particular e original de perceber a cidade provocada pelo exercício visual intenso que praticava com paixão. Não é exagero afirmarmos que esta singularidade se torna nítida tanto pelas observações em relação ao conjunto de imagens quanto pela organização que ele próprio impunha em seu trabalho. Este cuidado, no registro dos acontecimentos

ICONOGRAFIA

oficiais e não oficiais, permitiu-lhe estabelecer uma narrativa rica e variada daquele período. É pertinente a citação de parte de sua entrevista concedida ao vespertino *O Globo*, em 1936:

(...) uma obra como aquella, um homem como aquelle, não mereciam a falta de respeito de uma 'tapeação'. Entusiasmado, dediquei-me de corpo e alma à nova função. Diante do nada de fotografia que eu sabia esforcei-me para conquistar o muito que agora sei. Embora uma função secundária e lateral, eu me orgulhava em dar minha cooperação para a glória da grande obra. Ella precisava de uma documentação fiel e indiscutível que só as boas fotografias poderiam proporcionar (...). (O Globo, 1936, p.11).

Sua situação funcional exigia o acompanhamento das iniciativas pelo poder público. Extrapolam essa exigência os retratos de negros ex-escravos, dos velhinhos asilados, de crianças, de homens e mulheres dos diversos segmentos da sociedade carioca, de prostitutas, operários, e comerciantes, entre outros. Malta fotografa a Avenida Central (atual Rio Branco) com paixão, registrando o *footing* e o carnaval representado pelos *corsos*.

Nas ruas, nas ruelas, nas ladeiras, nos largos, nas praças e nas escolas, as crianças e os adultos posavam reunidos. Grupos se formavam junto às casas, aos quiosques e esquinas que iriam desaparecer. Com seu equipamento fotográfico, Malta

ICONOGRAFIA

eternizou as faces dos marginalizados e dos privilegiados, o lazer e o trabalho, a expectativa e a indiferença, o decadente e o *nouveau*, o que se fazia e o que se apreciava na cidade.

Nada escapou ao olhar sensível de Augusto Malta, o mais importante fotodocumentarista urbano do país, considerado pela extensão e qualidade do acervo, como o primeiro fotógrafo a perceber a importância da fotografia como veículo de informação e de comunicação com linguagem própria. Ainda que vinculado a uma prática documental no registro de visita de personalidades aos logradouros para verificarem o andamento das obras, este fotógrafo subia morros e favelas, focalizando caminhos estreitos e conjuntos musicais. Imagens que demonstram o seu interesse pelo humano.

Foi Malta quem iniciou a reportagem ilustrada, cedendo fotos de acontecimentos importantes aos jornais e revistas da época e tornando-se autor de “furos jornalísticos”. Seu percurso pela cidade é de tal ordem que inaugura a crônica visual junto com o jornalista e cronista Paulo Barreto, o “João do Rio”. Regularmente, podia-se encontrar fotografias de sua autoria impressas em revistas como a *Fon-Fon*, *Kosmos* ou a *Revista Ilustrada*.

Seu estilo fortaleceu a linguagem fotojornalística. Praticamente foi o único fotógrafo a ser identificado nas imagens que eram impressas, devido ao cuidado que sempre teve em assinar no próprio negativo. Pelo seu trabalho contínuo de registro fotográfico, abordando temas como a derrubada do morro do Castelo, o carnaval e o *footing*, por exemplo, podemos considerar que Augusto Malta foi o precursor do

ICONOGRAFIA

ensaio fotográfico que, anos mais tarde, seria consagrado nas revistas *O Cruzeiro* e *Realidade*. Em 1910, uma das edições da *Revista da Semana* referiu-se ao trabalho de Malta da seguinte maneira: “este homem conhece toda a história da República, não por ouvir dizer, mas por ser testemunha de vista dos acontecimentos”. (*Revista da Semana*, 1910, p.6)

Essa busca de criação de uma memória que condiciona a leitura da cidade é algo que a sociedade moderna já não permite. A memória esforça-se por recuperar a cidade esvanecente e repete, em símbolos, o que já foi rejeitado e esquecido. O *flâneur* aqui constitui o primeiro herói a se arriscar a navegar pelo deserto dos homens, o primeiro *expert* na ciência da exploração urbana. Possivelmente, a versão contemporânea do *flâneur* seja a do fotógrafo; ligado visceralmente à existência da cidade, este moderno passante observa e aceita esse universo em constante transformação. A descoberta de que a fotografia poderia comunicar o real e comentar, ao mesmo tempo, levou o fotodocumentarismo a um segundo estágio: a câmara como um espelho voltado para a sociedade.

Impregnado pela atmosfera que se alterava em uma dinâmica progressiva, impulsionada pelas obras que iriam mudar significativamente o cenário urbano do Rio de Janeiro, Malta desenvolveu sua percepção através da busca incessante de informações visuais e sempre motivado por um cotidiano intenso e mutante. A fotografia representa, neste caso, o mito dinâmico da retenção da memória, do tempo e de um certo domínio sobre a realidade por apropriação, através de sua imagem.

ICONOGRAFIA

Ao sair diariamente para colher e registrar os aspectos cotidianos que a cidade oferecia, logo percebeu a possibilidade de roteirizar a cidade fotograficamente, pela apreensão de cenas privadas e públicas. Por isso, é visto como a versão mecânica do *flâneur*, um atributo consagrado aos fotógrafos documentaristas urbanos.

A modernidade apresentada por Augusto Malta estava na capacidade de apreensão no que a cidade oferecia e o vínculo com a fotografia. Para ele, a cidade e a fotografia apresentavam uma identidade única: uma predileção congênita pelos fragmentos e pelos registros que constituíam e constituem os ingredientes da experiência humana e de suas divergências. As circunstâncias que o envolviam no ofício diário permitiam minúcias, critérios, apreendidos pelo olhar.

As fotografias de Augusto Malta sugerem, com facilidade, uma viagem ao passado, de construção de uma cidade. Descrever suas imagens é um desafio, pois ainda é um código interno a ser descoberto, permitindo detectar o fio condutor de sua idéia sobre o Rio de Janeiro. O repertório de imagens fotográficas é rico e é definidor dos percursos que fazia pela cidade, nos quais organizava mentalmente as realidades descontínuas para a elaboração de uma verdadeira narrativa visual.

Desse modo, o Rio de Janeiro de Augusto Malta se tornou um território imagístico por excelência, de estocagem e multiplicidade de imagens. O aspecto seqüencial dos negativos produzidos e a edição de seus álbuns, provavelmente seriados, são um guia de leitura e entendimento da cidade que simboliza e sintetiza parte do universo documental desse fotógrafo.

ICONOGRAFIA

A história visual do Rio de Janeiro percebida pelo fotógrafo Malta ainda está para ser desenvolvida, e não podemos afirmar que sua produção esteja traduzida. A identificação e a localização já são possíveis, mas para entender o que Augusto Malta documentou é necessário, antes de tudo, um estudo detalhado de sua obra, notadamente, para o aspecto seqüencial de seus negativos – todos assinalados –, impondo à sua atividade a marca de uma disciplina.

Augusto Malta faleceu em agosto de 1957, aos 93 anos de idade, algumas décadas que antecederam ao fenômeno da pós-modernidade tão evocada nos dias atuais, onde tudo ou quase tudo está ligado às questões urbanas. Nunca se estudou tanto sobre a cidade e seus efeitos no homem; autores são revisitados com instensidade, tais como Walter Benjamin, Nestor Canclini, Paul Virílio, Le Goff, entre tantos. Na fotografia o mesmo fenômeno ocorre, com a revalorização de fotógrafos urbanos como, por exemplo, Eugène Atget (século XIX) e sua obra monumental sobre a cidade de Paris.

Hoje, mais do que nunca, nos valem das imagens de Augusto Malta para compor um cenário possível do Rio de Janeiro do início do século XX. O passado, como todos sabemos, se apresenta mais remoto quando de difícil acesso ao olhar. Como nos ensina Machado de Assis:

(...) há certas memórias que são como pedaços de gente, em que não podemos tocar sem algum gozo e dor, mistura de que se fazem saudades (...) (1982, p.64)

ICONOGRAFIA

Sua larga produção se constituiu em um acervo fotográfico expressivo que, ao longo do tempo, se dispersou e se perdeu, principalmente, pela falta de cuidado na preservação do material fotossensível.

Essa perda talvez justifique a distribuição de sua obra em diversas instituições culturais, na forma de negativos de vidro ou em cópias fotográficas. Ela pode ser encontrada no Arquivo da Cidade, com cerca de 2.249 negativos de vidro; no Museu da Imagem e do Som, aproximadamente 2.600 negativos de vidro, 400 negativos panorâmicos e cerca de 80.000 cópias em papel; no Museu Histórico Nacional, com 73 negativos de vidro; no Museu da República, com 82 negativos de vidro; na Fundação Biblioteca Nacional, com 53 negativos de vidro e 3 álbuns com 246 fotografias em papel; no Gabinete de Fotografia do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, com 87 fotografias em papel fotográfico; Museu da Cidade do Rio de Janeiro, estimado em 4.000 negativos de vidro (a coleção está sendo identificada e classificada); no Instituto Cultural Moreira Salles, com 1.500 imagens entre negativos de vidro e cópias fotográficas e na Light, cuja coleção não foi estimada.

A produção fotográfica de Augusto Malta permite a construção de uma narrativa visual urbana, seja pelo aspecto seqüencial na numeração dos negativos, seja pela ampla cobertura de assuntos cotejados por este fotodocumentarista, oportunidade em que podem aflorar *pequenas cidades* dentro de uma grande metrópole como o Rio de Janeiro.

ICONOGRAFIA

Costuma-se enfatizar o compromisso da fotografia com a beleza em detrimento de seu caráter de documentação; Augusto Malta é, sobretudo, o profissional da informação e da memória urbana da cidade do Rio de Janeiro.



Foto: Augusto Malta

Instantâneo na Rua do Ouvidor - Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

ICONOGRAFIA

Referências Bibliográficas

ARQUIVO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. *Catálogo da Série Negativos em Vidro*. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1993.

ASSIS, Machado de. *Crônicas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.

BENCHIMOL, Jaime L. *Pereira Passos: um Hausmann tropical*. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Biblioteca Carioca, 1990.

CAMPOS, Fernando Ferreira. *Um fotógrafo, uma cidade: Augusto Malta*. Rio de Janeiro: Maison Graphique, 1986,

CARVALHO, Delgado. *História da cidade do Rio de Janeiro*. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Coleção Biblioteca Carioca, 1994.

DUNLOP, C.J. *Rio antigo*. Rio de Janeiro: Rio Antigo, 1963, vol.I, II, III.

EDMUNDO, Luis. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940.

KOSSOY, Boris. *Origens e expansão da fotografia no século XIX*. Rio de Janeiro: MEC-FUNARTE, 1980.

MACEDO, Joaquim Manoel de. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garnier, 1991.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. *Álbum comemorativo*. Rio de Janeiro: Imprensa da Cidade, 1976.

Periódicos

O Globo, edição de 20 /05/1936.

Revista da Semana, edição de Natal, 1945.

Revista da Semana, maio de 1910, n.4, ano VIII.

Abstract – *This article deals with the relationship between photography and the city of Rio de Janeiro under the focus of urban photo-documentation. The outstanding*

ICONOGRAFIA

personality of Augusto Malta is highlighted and considered the most expressive photographer who ever depicted the city of Rio de Janeiro, during the first three decades of the XXth century.

Keywords: *urban photography; documentary photography; Augusto Malta; Rio de Janeiro.*

Resumen – *En este ensayo, se plantean las relaciones entre fotografía y ciudad en el marco del documentalismo fotográfico urbano. Se señala la figura de Augusto Malta, quien se considera el más expresivo fotógrafo a registrar la ciudad de Rio de Janeiro en las tres primeras décadas del siglo XX.*

Palabras-clave: *fotografía urbana; fotografía documental; Augusto Malta; Rio de Janeiro.*

ⁱ Ver: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Álbum Comemorativo. Rio de Janeiro: Imprensa da Cidade, 1976.